

ARTES E PANTEMPORANEIDADE¹

Marta Catunda*

Este ensaio reúne uma coletânea de textos sobre o tema sempre inquietante da relação entre as artes e o tempo. A partir de um neologismo, criado pelo ensaísta Waldir Rocha, organizador do livro; pantemporâneo: “é aquilo que perdura, mostra características inerentes ao tempo, independente do momento da criação”. Trata-se das artes plásticas, musicais, literárias, criadas há pouco ou muito tempo e que continuam vivas e duradouras. Este neologismo sugerido é como um rótulo que “serve ao antigo, ao novo e ao porvir - o que está feito, em feitura e por fazer” (p. 7). Deste modo, o desafio foi lançado aos convidados levando em consideração a efemeridade (do tempo da criação) seja do assunto abordado, do suporte material, ou a virtualidade da obra. Ou seja: o fugaz, banal, ocasional, perene, contemporâneo e a arte que busca a eternidade.

Alberto Beuttenmuller² compreende o neologismo proposto como uma contemporaneidade total, que independe do tempo, mesmo sendo o tempo causador dessa “utopia que virou ucronia” porque, “ao ficar fora do topo (lugar) ficou fora do tempo (*cronos*)” (p. 9). Aponta-nos, a grande armadilha do adjetivo *moderno* que é apenas uma indicação, mas, tantas vezes confundido com uma definição. Assim, nos leva a pensar na diferença que existe entre o tempo histórico e o tempo filosófico quando nos comportamos dentro de um determinado tempo, mas, ideologicamente vivemos em outro concluindo que é exatamente a ruptura entre o comportamento e a representação que instala a ideologia. Assim, compreende o termo proposto como algo que se interpela apontando o Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade, como uma forma de apropriação do termo moderno.

1 BEUTTENMULLER, A. (Orgs.) et al. São Paulo: Pantemporâneo, 2009. 142 p.

* Mestre em Ciências da Comunicação, ECA/USP, doutoranda do Programa de Pós Graduação da Universidade de Sorocaba - UNISO. E-mail: marta_catunda@hotmail.com

2 Membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte e da Associação Internacional de Críticos de Arte.

Claudio Wille³ nos fala da enorme variedade de concepções de tempo em diferentes civilizações. O tempo circular das sociedades tribais e arcicas, em contraste com o tempo linear da nossa civilização. Um tempo de *repetição rítmica* e um tempo linear feito de eventos sucessivos e únicos em si. O cristianismo, por exemplo, projetou-o à esfera do sagrado na dimensão temporal. Mais tarde, a modernidade do progressismo iluminista secularizou o tempo em passado, presente e futuro. O autor enxerga nos gnósticos uma terceira via para a compreensão do tempo, já que para eles não existe conexão entre o mundo material e o eterno, o mundo não é sincrônico com o cosmo. Investiga o tempo paradoxal de diversos poetas: Jorge Luis Borges, T. S. Eliot, Joyce, Novalis, Baudelaire, William Blake, Otávio Paz, Rimbaud e Hilda Hilst.

João de Jesus Paes Loureiro⁴ questiona a temporalidade contida no pantemporâneo e descobre um tempo feito de eternidade. Um tempo repartido em tempos, com temporalidades próprias. Compreende que de fato a arte pantemporânea e a própria pantemporaneidade se atualizam, porque mudam. Existe um tempo na arte que não está determinado, mas, se torna uma qualidade adquirida. Não como produto de uma racionalização, mas como parte da “livre percepção do espírito” que permite “uma espécie de vitória” da arte sobre a morte.

Para Jorge Antonio Silva⁵ e Sérgio Roberto Mendes Carneiro⁶, a ideia própria do tempo é um produto simbólico da cultura, participa de diferentes formas de organização do cotidiano. E para desvendar o Tempo, os autores sugerem pensá-lo como Espaço já que este é co-natural do outro. Sem a noção de espaço, o tempo só serve para explicar objetos que se deslocam devagar. O que mais representa a ideia do tempo é o fluxo. O tempo se esvai enquanto fluxo em sua transitoriedade. O tempo é uma criação autônoma do universo, tanto quanto ação natural e como criação humana torna-se categoria pensamental e dialética. Para perplexidade e angústia do ser. O artista é o artífice entre si e o mundo, e a arte aparece como um alento diante de nossa incapacidade em reger o infinito.

Lucia Santella⁷ desvenda os dilemas que a arte nos coloca e da própria impossibilidade, hoje, de se definir o que é arte. E a partir de Walter Benjamin⁸ percebe o impasse criado pelo contexto dos novos meios de produção da arte.

3 Poeta, tradutor, Doutor em Letras pela USP e co-editor da Revista Digital Agulha.

4 Poeta e Professor de Arte- Estética e Pesquisador da Universidade Federal do Pará.

5 Jornalista, Ms. em Comunicação e Semiótica, Dr. em Artes pela PUC/SP.

6 Dr. em Arquitetura pela USP, artista plástico e professor da pós Graduação em Arquitetura da Universidade São Judas Tadeu.

7 Prof^a titular da Pós Graduação em Comunicação Semiótica da PUC/SP. Dr^a em Teoria Literária pela PUC/SP.

8 Conf. “A Obra de Arte na Era da Reprodutividade Técnica”. São Paulo: Abril Cultural, 1975. Os Pensadores, XLVIII.

Para a autora, vivemos um tempo de efervescente pluralismo na arte resultante da simultaneidade e da coexistência de matérias, técnicas, gêneros, espécies e metodologias de produção do passado e presente. Assim vê a contemporaneidade como “um tempo de todos os tempos e para cuja caracterização parece caber com justeza o termo pantemporaneidade” (p. 67). Nomeia de “ecologia pluralista das artes e da cultura, a inegável tendência à sobreposição de camadas e de paradigmas temporais e especiais que se sincronizam”.

Mirian Carvalho⁹ percebe a alquimia do tempo na criação poética. E dentre todos os fenômenos que conduzem as mudanças acredita que o tempo “revela-se verdadeiro camaleão” (p. 81). No “aparente curso de sucessão, o tempo sempre se mostra atual”, é ausência e presença, e eis aí sua dimensão trágica e poética, como ruptura, morte, nascimento. Para a autora, a continuidade do tempo é ilusória, uma metáfora, e deve-se ao fato de convivermos com vários tempos sobrepostos. Assim, analisa os diversos tempos da poesia que não segue o vetor da sucessão, nas artes plásticas em virtude da maior ou menor resistência dos materiais, que permitem ao artista dar a intensidade ao tempo. Na pintura vê a própria cor com uma dádiva do tempo. E assim em diante, o tempo da arte de gravar, a carnavalização como um tempo fora do tempo, por ser tempo da liberdade, enfim um tempo que se expressa sempre alquímico e indefectível.

Nelly Novaes Coelho¹⁰ acredita vivermos em uma natureza complexa/caótica em um tempo-de-mutação que traz urgências e interrogações que escavam o tempo/mundo no qual estamos imersos. Para a autora, esse tempo de mutação teve início com a publicação da origem das espécies de Darwin (1859). A partir daí, tece uma cronologia apontando as gerações literárias, nas artes plásticas, a teoria Geral da Relatividade, enfim, a multiplicidade de caminhos nas artes que levaram à fragmentação que “desafia o homem interrogante de seu tempo” (p. 104). Em um segundo momento, o texto destaca obras de Waldir Rocha que analisa como criações energizadas pela busca radical “quem é o homem?”.

Para Oscar D’Ambrosio¹¹ existem grandes diferenças entre a visão do tempo no Oriente e no Ocidente. Implica em noções totalmente diferenciadas de o que é a transitoriedade. No tempo do Tao valoriza-se o movimento e tudo que é mutável, e não o estático, pois é visto como algo que sempre existiu. No ocidente, vamos ter um tempo que pressupõem um deus criador e por consequência uma destruição anunciada, mas, um fluxo vivente em que o conceito de mutação eterna predomina.

9 Poeta e Dr^a em Filosofia e Membro da Associação Internacional de Críticos de Arte.

10 Dr^a em Letras e Livre Docente e Professora Titular da Universidade de São Paulo.

11 Jornalista. Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, UNESP. Membro da Associação Internacional de Críticos de Artes (AICA- Seção Brasil).

O autor analisa 25 obras de arte dos séculos XVI e XX que estariam destinadas, em sua opinião a “resistir ao poder derrisório do tempo” (p. 115).

Péricles Prade¹² faz, em seu texto, um exercício fenomenológico sobre o corte temporal existente entre o fotógrafo e a imagem. Parte da fenomenologia de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty e encontra categorias de redução, intencionalidade, racionalidade para fazer tais ponderações. Evoca a intuição como algo que está ligado ao sujeito (fotógrafo) que domina o tempo.

12 Escritor e Membro da Associação Internacional de Críticos de Arte.